

Do significativo vazio ao fascismo

As manifestações de julho de 2013 observadas pela lógica pós-estruturalista de Ernesto Laclau

*Beatriz Soares Lourenço*¹

No prefácio da segunda edição de *Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics*, Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2001) apresentam duras críticas ao caminho em que a esquerda trilha após o fim do socialismo real e a hegemonia do discurso neoliberal. De acordo com Laclau (2000), o problema da esquerda está na falta da construção de uma linguagem que permeie a universalidade com o estabelecimento de links equivalenciais, captando novas particularidades.

A fim de compreender a crítica de Laclau e aplicá-la no contexto social das manifestações de Junho de 2013 no Brasil, primeiramente se buscará compreender a lógica pós-estruturalista do autor e sua teoria do populismo.

Populismo e pós-estruturalismo

A fim de aprofundar esta análise, iniciaremos a exposição de sua primeira obra mais expressiva sobre populismo: *Política e ideologia na teoria marxista: capitalismo, fascismo e populismo, de 1978*, na qual esboça sua lógica pós-estruturalista ao teorizar sobre populismo e fascismo.

Laclau critica o reducionismo característico dos estudos sociais marxistas, afirmando que a prática ideológica do populismo não está ligada apenas pela visão de mundo produzida pela posição que uma classe ocupa nas relações de produção, mas também pelas relações com outras classes e pelo nível real da luta de classes, evidenciando o aspecto relacional das identidades, abordado posteriormente pelo autor.

De acordo com ele, dessa forma, a ideologia da classe dominante não se constitui apenas em uma visão de mundo que expressa sua essência ideológica, mas é também uma parte da ferramenta de dominação, interpelando, além dos membros desta classe, os membros das classes

¹ Recém-formada em Relações Internacionais pela UFRJ, membro do Laboratório de Estudos de Hegemonia e Contra-Hegemonia – UFRJ.

dominadas. Essa interpelação ocorre por meio da absorção parcial e neutralização dos conteúdos ideológicos por meio dos quais se expressa a resistência à dominação. Partindo do mesmo raciocínio, Laclau (1978) afirma que a ideologia das classes dominadas são projetos articulatórios que buscam desenvolver os antagonismos potenciais constitutivos de uma sociedade.

O importante para o nosso tema é que a classe dominante exerce sua hegemonia de duas maneiras: (1) através da articulação, ao seu discurso de classe, das contradições e interpelações não classistas; (2) através da absorção de conteúdos que fazem parte do discurso político e ideológico das classes dominadas (LACLAU, 1978, p. 168)

Torna-se, portanto, evidente que não é o conteúdo do discurso que determina o caráter de classe de uma política e de uma ideologia, mas sim o princípio articulatório que os une. A crise acontece quando a classe dominante perde sua capacidade neutralizadora ao absorver em demasia o discurso ideológico das classes dominadas, fazendo com que as classes dominadas tenham condições de conferir seu próprio discurso articulador no seio das instituições estatais. (LACLAU, 1978)

A contradição entre povo e bloco de poder não vem essencialmente das relações de produção, mas sim do conjunto de relações políticas e ideológicas de dominação que constituem uma sociedade. A contradição dominante ao nível de uma formação social completa compõe o campo específico da luta popular-democrática.

O que transforma um discurso ideológico em populista é uma forma peculiar de articulação das interpelações popular-democráticas nele. Nossa tese é que o populismo consiste na apresentação de interpelações popular-democráticas como um conjunto sintético-antagônico com relação à ideologia dominante. (LACLAU, 1978, p. 179)

Laclau afirma que para que o populismo ocorra, é necessário que os elementos popular-democráticos se apresentem sob forma antagônica à ideologia do bloco dominante.

Quando o bloco dominante sofre uma crise profunda, porque uma nova fração que tenta impor sua hegemonia não consegue fazê-lo dentro da estrutura existente do referido bloco de poder, uma das soluções possíveis pode ser um apelo direto por parte desta fração às massas para que desenvolvam seu antagonismo em face ao Estado. (LACLAU, 1978, p. 180)

A articulação do populismo de classes dominantes ocorre de forma a impedir o desejo revolucionário, apelando para distorções ideológicas e usando da repressão. O objetivo é, portanto, desenvolver um antagonismo, mas mantê-lo dentro de limites. No caso dos setores dominados, o conflito ideológico consiste em expandir o antagonismo implícito nas interpelações democráticas e articulá-los ao próprio discurso de classe, fundindo o máximo possível à ideologia popular-democrática e a ideologia socialista. Dessa forma, Laclau esboça seu conceito de antagonismo, mas ainda mantém este atrelado à sua relação com a articulação aos discursos de classe.

O que determina a forma de ideologia é a tensão dialética entre as classes e o povo. A hegemonia de uma classe, assim conceituada por ele neste primeiro momento, consiste na articulação das interpelações populares a seu próprio discurso. Para as classes dominantes, a articulação é a neutralização do povo, enquanto que para as classes dominadas, é o desenvolvimento do antagonismo presente nele. (LACLAU, 1978)

O populismo não é [...] expressão do atraso ideológico de uma classe dominada mas, ao contrário, como expressão do movimento em que o poder articulatório desta classe se impõe hegemonicamente sobre o resto da sociedade. Este é o primeiro movimento da dialética entre o povo e classes: as classes não podem afirmar sua hegemonia sem articular o povo a seu discurso; e a forma específica desta articulação, no caso de uma classe que, para afirmar sua hegemonia, tem que entrar em confronto com o bloco de poder em seu conjunto, será o populismo. (LACLAU, 1978, p. 201)

Povo, neste momento, só existe quando é articulado às classes. Isto significa que a contradição entre povo e bloco de poder não pode se desenvolver sem esta articulação. (LACLAU, 1978)

A partir desta análise, Laclau inicia sua teorização sobre fascismo, incorporando elementos de sua análise sobre o populismo na mesma obra, a partir da crítica à análise de Nicos Poulantzas, cujo livro estudado é *Fascismo e Ditadura*, de 1974. De acordo com Poulantzas (1974 apud LACLAU, 1978 p.87), o fascismo surge de uma crise ideológica cujo conjunto de elementos e condições intervenientes se fundem em uma unidade de ruptura. Segundo ele, elementos ideológicos de diferentes classes sociais compõem o discurso fascista, havendo, portanto, elementos próprios para cada classificação de classe e categorias sociais. A ideologia fascista utiliza destes elementos ideológicos com o objetivo de criar um amplo movimento de massas.

Laclau (1978) acredita que vincular elementos ideológicos a uma determinada classe é um método arbitrário,

mais correto seria o caminho inverso: aceitar que os elementos ideológicos considerados isoladamente não têm uma conotação de classe necessária e que esta conotação é apenas o resultado da articulação daqueles elementos em um discurso ideológico completo. Isto significa que é pré-condição para analisar a natureza de classe de uma ideologia é conduzir a pesquisa através daquilo que constitui a unidade distintiva de um discurso ideológico. (LACLAU, 1978, p. 105)

E afirma que, com essa falha de Poulantzas, a apreensão das contradições que formam a crise não se torna plena. A interpelação é capaz de constituir o princípio unificador do discurso ideológico sendo essencial para recrutar sujeito entre os indivíduos.

Em um período de crise ideológica generalizada, como o que Poulantzas situa na origem do fascismo. [...] A crise de confiança na reprodução "natural" ou "automática" do sistema se traduz em uma exacerbação de todas as contradições ideológicas e numa dissolução da unidade do discurso ideológico dominante. Como a função de toda a ideologia é de constituir indivíduos em "sujeitos", esta crise ideológica se traduzirá, necessariamente, em uma "crise de identidade" dos agentes sociais. Cada um dos setores em luta tentará reconstruir uma nova unidade ideológica, vinculando um "sistema de narração" que desarticule o discurso ideológico das forças antagônicas. [...] Uma das formas possíveis de resolução da crise, pela nova classe ou fração hegemônica, consiste em negar todas as interpelações menos uma, desenvolver essa interpelação em todas as suas implicações lógicas, e transformá-la em uma crítica ao sistema vigente e, ao mesmo tempo em um princípio de reestruturação de todo o campo ideológico. (LACLAU, 1978, p. 109)

Assim, um discurso ideológico dotado de várias interpelações coexistentes passa a adotar apenas uma que organiza todas as outras.

Para Laclau, é evidente que as classes não se enfrentam como classes quando aparecem já constituídas no conflito relativamente externo a sua natureza, que pouco se relaciona com o conceito marxista de classes. Dessa forma, temos classes em luta, ao invés de luta de classes. Como este não é um antagonismo de classe, as ideologias inerentes a ele não podem ser de classe e a interpelação dos agentes não é como classe, mas como povo. Laclau (1978) afirma que a contradição de classe, sendo a contradição dominante ao nível abstrato do modo de produção, é análogo à contradição de povo/bloco de

poder, sendo esta a contradição dominante ao nível da formação social. Toda classe luta como classe e como povo e, conseqüentemente, a interpelação popular-democrática, além do conteúdo de classe, constitui o campo da luta ideológica de classes. Conforme dito anteriormente, para Laclau, as ideologias popular-democráticas ainda se apresentam articulados aos discursos ideológicos de classe. Dessa forma, as ideologias se transformam "através da luta de classes, que se realiza através da produção de sujeitos e da articulação/desarticulação dos discursos". (LACLAU, 1978, p 115)

A partir dessa ideia, é possível perceber uma grande semelhança entre a situação populista e o processo de fascização. De acordo com Laclau, o fascismo é uma forma específica de populismo das classes dominantes, que atende a dois aspectos específicos que o caracterizam: a articulação ideológica das classes médias e a crise da ideologia da classe operária.

Sobre a caracterização do fascismo por meio da articulação ideológica das classes médias ou camadas intermediárias, Laclau afirma que é observável seu distanciamento nas relações de produção dominantes na sociedade. Isso quer dizer que as contradições com bloco dominante se darão no campo ideológico e político constituintes do sistema de dominação desta formação social, e não no nível das relações de produção. Não se trata, portanto, de uma contradição de classe. Em outras palavras, a identidade como povo desempenhará uma função mais importante do que identidade como classe, o que caracteriza a classe média como componente do campo natural da luta democrática, o campo da luta política de classes.

O fascismo surge, nesse sentido, de duas crises: a crise do transformismo do bloco de poder e a crise da classe operária, incapaz de hegemonizar as lutas populares e difundir a ideologia popular democrática e seus objetivos de classe revolucionários. O bloco dominante busca evitar que a radicalização da ideologia nos setores urbanos coloque em perigo o sistema de dominação vigente. Quando ocorre a ruptura, o povo já não se apresenta com demandas isoladas e nem em organizações políticas alternativas ao sistema, mas como alternativa política a este, com suas demandas articuladas.

A ideologia do movimento fascista é a ideologia pequeno-burguesa, ou das classes médias, representada pelas ideologias compostas pelas interpelações popular-democráticas que compõem o discurso político da burguesia. Pequeno burguês "é a convicção de que a luta contra o bloco

dominante pode ser levada a cabo como uma luta exclusivamente democrática, à margem das classes." (LACLAU, 1978, p. 122)

Laclau, por meio da análise de eventos fascistas, principalmente na Alemanha, afirma que o papel histórico do fascismo é o de estabelecer uma união entre a pequena burguesia e o grande capital monopolista. A crise econômica da pequena burguesia marca sua função como força social por meio de partidos fascistas. O capital monopolista ao encontrar obstáculos defronta-se com impossibilidade em implantar sua ideologia no interior do bloco de poder. Laclau não menciona mais detalhadamente como isto ocorre, como exatamente essa "implantação" de uma ideologia se dá. O autor afirma que o capital monopolista tenta fazê-lo através de uma fórmula que implicava a alteração radical do tipo de Estado. Isso significa que Laclau observa o capital monopolista como o articulador do fascismo para mobilizar as massas contra o sistema de poder vigente, garantindo que as interpelações popular-democráticas se mantivessem desconectadas de qualquer perspectiva socialista. (LACLAU, 1978)

O fascismo foi possível porque a classe operária, tanto por meio de seus setores revolucionários quanto reformistas, abandonou o campo da luta popular-democrática nesse processo. O autor, assim, critica novamente o caráter economicista do discurso político socialista, excluindo sua articulação com qualquer interpelação que não a interpelação de classe. Se as classes médias adotam a ideologia de classe, ou da classe dominante, ou da classe dominada, o fracasso da classe operária fez com que a classe média se tornasse a serviço da fração de classe monopolista.

Após tal exposição é possível tirar duas conclusões breves sobre essa expressiva obra de Laclau. A primeira é a de que o autor, mesmo criticando o reducionismo de classe presente nos estudos marxistas, não rompe com a luta de classes totalmente, pois ainda a vincula à lógica populista e fascista. A segunda conclusão se liga ao fato de Laclau não se aprofundar em como o discurso populista ou fascista consegue seu status hegemônico.

Para, então, resolver esses dois impasses de forma mais evidente e transparente, faz-se necessário abordar as obras mais recentes de Ernesto Laclau, nas quais ele se aprofunda na teoria do discurso e em sua lógica pós-estruturalista, a fim de explicar como os discursos populistas e fascistas atingem a função de discurso hegemônico.

De acordo com Laclau e sua lógica pós-estruturalista, os sentidos sociais são sempre incompletos e mal fechados. Não há possibilidade de chegar ao fim da história, como propõe o marxismo, em seu sonho socialista. Os sentidos sociais carregam contingência e precariedade, sendo estes apenas resultados de contingências históricas, não representando um fim da história. Assim, trata-se de constituições identitárias sempre incompletas e precárias, ameaçadas e contingentes, cuja emancipação não passa de um sonho, um horizonte, como a libertação de todas as amarras sociais. .

Nos trabalhos de Laclau estudados aqui é possível observar, além disso, que para o autor toda identidade política é relacional, buscando sua plenitude, realização e o que ele chama de objetivação por meio da relação com outras identidades, a partir da articulação de elementos entre si em um ponto nodal. O resultado de tal articulação é um discurso.

A teoria do discurso de Ernesto Laclau versa sobre a união de palavras e ações e está ligado intimamente à prática do discurso. Discurso é, logo, prática articulatória estabelecida entre elementos a partir de um ponto nodal, tornando-se momentos estritamente relacionados à articulação colocada. Ao unir palavras e ações o discurso produz sentidos que vão pleitear espaço no campo social. (LACLAU, 2001)

A possibilidade dessa formação se dá pelo discurso do inimigo, o antagônico, que o constitui e o limita. O universal não possui um conteúdo próprio e precisa de um particular que o represente e o dê forma. “Um significante vazio é um significante sem significado” (LACLAU, 1996, p.69). Esse universal, formado pela articulação entre elementos de identidades em um ponto modal, é chamado por Laclau de significante vazio. Quanto mais universal, mais estendida for a cadeia de equivalências, ou seja, quanto maior for a universalidade do discurso, menor será sua capacidade de se manter fechada em uma demanda particular (MENDONÇA, 2009).

Essa disputa por espaço trata-se de uma disputa pela hegemonia do discurso articulador, aglutinador, que une as diferenças, já que o universal é um significante vazio para Laclau, além de ser a condição para a hegemonia. Quando o elemento particular obtém a representação e ocupa o significante vazio, este exerce sua hegemonia em uma posição privilegiada, pois representa toda a cadeia discursiva e articulatória. Hegemonizar é preencher o

vazio e exige que o particular tenha seus sentidos alterados, ao exercer sua representatividade política.

A hegemonia, portanto, estabelece uma relação de ordem por meio desse discurso universal, representando múltiplos elementos e buscando preencher a incompletude das identidades. Para Laclau, nessa relação hegemônica o particular admite, em determinada situação, a possibilidade do universal encarnar uma plenitude que não existe e não pode ser encontrada em seu papel como particular.

There is hegemony only if the dichotomy universality/particularity is superseded; universality exists only if it is incarnated in – and subverts – some particularity can become political without also becoming the locus of universalizing effects. (LACLAU, 2000 p.207)

A ordem hegemônica se estabelece por meio da constituição de um discurso particular que suplementa identidades e discursos que estavam dispersos, se tornando o centralizador, que fixa sentido e articula elementos previamente não articulados entre si. Os períodos de crise orgânica significam a debilitação das articulações de hegemônias básicas. (2000, LACLAU)

Já que, para Laclau, a hegemonia é um lugar vazio, não uma necessidade, essa está em constante embate e sua realização plena, assim como a realização plena das identidades articuladas a ela, são impedidas pelo antagonismo, conceito central para da análise laclauniana e do entendimento do movimento do populismo.

O antagonismo impede a constituição de uma totalidade discursiva e seu sentido objetivo ou finalístico. Um discurso antagônico, ao mesmo tempo em que o forma, impede a realização plena de um discurso. O antagonismo é responsável pela formulação e articulação de um determinado discurso e é, ao mesmo tempo, sua limitação. Surge, assim um paradoxo entre exterior e interior, discurso antagônico e antagonizado.

Assim ele explica esse caráter das identidades, por meio do antagonismo. “The presence of the ‘Other’ prevents me from being totally myself. The relation arises not from full totalities, but from the impossibility of their constitution.” (LACLAU, 2001, p.125). O limite antagônico atua sobre as identidades que constituem o discurso do significante vazio, provocando a adesão destas diferenças em torno de uma ação comum: lutar contra algo que nega a instituição de todos os elementos presentes nesta cadeia de equivalências.

Como o espaço vazio é sempre ocupado por uma particularidade que exerce a operação hegemônica, a representação é fundamental para a hegemonia. A relação de representação se torna um veículo de universalização e é somente por ela que esta é alcançada.

Laclau aprofunda sua análise do populismo, já iniciada em *Política e ideologia na teoria marxista: capitalismo, fascismo e populismo*, no livro *A razão populista*, de 2005, incorporando nele, os conceitos pós-estruturalistas previamente estudados sobre discurso, hegemonia, antagonismo, articulação, universalismo e particularidade. Primeiramente, destaca o significado de povo, considerando-o, não como um dado social, mas como uma categoria política em que estaria contida uma tensão entre sua parcialidade e sua universalidade.

Para compreender a articulação do populismo, é preciso identificar o tipo de demanda social, sendo contemplada pelas autoridades ou não, que possui tanto um aspecto universal quanto particular. No momento em que o populismo insurge pelas ações populares democráticas articuladas a uma classe em antagonismo ao bloco de poder dominante em crise, as demandas provenientes de esferas diferentes não são ainda adquiridas pelo regime, iniciando-se um processo embrionário que Laclau chama de pré-populista, quando há uma série de demandas não contempladas. As demandas começam a se tornar coletivas quando seu grande número faz com que se identifiquem aspectos em comum, exacerbando sua universalidade, que deve ser representado por algo que não esteja identificado com a parcialidade de nenhuma delas, para que a dialética populista possa ser construída, constituindo, assim o significante vazio. (LACLAU, 2011)

O populismo constrói uma série de significantes vazios, constituídos por diversos significados que podem ser preenchidos por algum tipo de representação, símbolo ou líder, sendo receptores das demandas desses diferentes grupos que são diferentes, mas se opõem ao sistema institucionalizado, evidenciando o antagonismo povo/bloco de poder. Quando a mobilização política atinge um nível mais elevado, é possível que ocorra a unificação das demandas em uma cadeia equivalencial, dando-lhe um nome:

Todas as dimensões estruturais que são necessárias para elaborar o conceito desenvolvido estão contidas em mobilizações locais as quais nos referimos. Essas dimensões são três: a unificação de uma pluralidade de demandas em uma cadeia equivalencial; a unificação

de uma fronteira interna que divide a sociedade em dois campos; a consolidação da cadeia equivalencial mediante a construção de uma identidade popular que é qualitativamente algo mais que a simples soma dos laços equivalenciais." (LACLAU, 2005, p. 102 apud DOS ANJOS, p. 95)

O predomínio das demandas equivalenciais sobre as diferenciais pode levar a uma articulação dessas por meio da retórica para um novo projeto hegemônico e a um impulso nivelador. O espírito nivelador é assumido por uma classe, a fim de liderar a situação populista e determinar o significativo vazio.

Assim, Laclau apresenta uma teoria do populismo e, assim, do fascismo, mais coesa e condizente com suas críticas iniciais, tornando possível uma análise mais completa sobre o fenômeno das manifestações de junho de 2013 no Brasil.

Junho de 2013 e depois

As manifestações de junho de 2013 levaram às ruas, em sua maioria, jovens e setores de classe baixa². Dentre as reivindicações mais comuns e recorrentes estavam a aplicação dos direitos sociais da Constituição de 1988, reduzida graças à adoção e à concepção do neoliberalismo. Dentre as diferentes vozes que ecoavam nos protestos se destacaram os pedidos pelo direito à saúde, educação, lazer, previdência social e segurança, transporte e à informação.

No entanto, houve um aumento considerável no número das demandas diferenciais apresentadas nestes protestos, que já eram plurais, e se tornaram ainda mais diversificadas. Novos grupos agregaram as passeatas, com novas solicitações, ocasionando em uma grande massa reunida repleta de interesses diferentes e muitas vezes contraditórios.

Assim, as manifestações de junho revelam o surgimento de uma situação social populista em que as demandas equivalenciais se originam de

² Ver perfil dos manifestantes tanto em 2013, quanto em 2015 em: <http://negobelchior.cartacapital.com.br/2015/03/16/mas-e-so-a-elite-branca-que-odeia-o-pt-e-apoia-impeachment-e-ditadura/>, <http://www.theguardian.com/world/2015/mar/15/brazil-protesters-rouseff-impeachment-petrobas>, <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>, <http://www.revistaforum.com.br/mariafro/2015/03/22/pesquisa-da-perseu-abramo-traca-perfil-dos-manifestantes-de-1303-e-1503/>, <http://oglobo.globo.com/blogs/base-dados/posts/2015/03/18/a-divisao-ideologica-dos-manifestantes-do-dia-13-15-de-marco-563137.asp>, <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo?page=full>. Acesso de todos em 10/04/2015

demandas diferenciais, fazendo com que os indivíduos se identificassem em grupos, criando as mobilizações de massa no campo ideológico popular-democrático. Indicam um sujeito coletivo que rompe com o mecanismo hierarquizado e verticalizado do Estado neoliberal e com sua capacidade de atender às demandas em seu tempo. Ademais, designam uma espécie de polarização social que rompe com ideia de sociedade diversificada e homogênea apontando para uma exclusão estrutural e permanente que é imposta a grupos majoritários por grupos minoritários (MARTINS, 2015). Surge, portanto, o reforço do antagonismo entre povo e bloco no poder. Com essa ideia de exclusão buscam essas mobilizações a indicação de um inimigo que deve ser vencido, um novo antagonismo capaz de completar nestas identidades dispersas seu sujeito, dando-lhes identidade, ou seja, proporcionando a particularidade ausente no universalismo.

O fenômeno apresentava alguns requisitos para formar uma situação populista segundo Laclau: o coletivo em mobilização de massas, baseado em uma ideologia popular-democrática, o reforço do antagonismo entre povo e bloco no poder e a junção entre demandas diferenciais, formando o gênesis das demandas equivalenciais. Entretanto, ainda não havia uma identificação do inimigo, graças ao caráter difuso dessas manifestações, que se torna, por isso, manipulável, podendo ser direcionada a fins políticos específicos, gerando um espírito nivelador. Faltam, determinar o significante vazio e direcionar estas demandas, por meio de um discurso antagônico, que ainda não estava evidente.

Contudo, o governo centrista do Partido dos Trabalhadores, o “Centro Radical”, como Laclau chama a terceira via, não foi capaz de propor um discurso aglutinador e centralizador capaz de articular e interpelar as demandas diferenciais que compunham um significante vazio em construção. Dessa forma, a ausência de um projeto popular-democrático, permitiu que a mídia, articulada às frações de classe do bloco no poder descontentes com a atuação do governo vigente³, atuasse na modelagem desses movimentos, criando o inimigo que seria inicialmente a corrupção, causada pelos partidos políticos, e depois a interpelação foi se ligando mais exclusivamente ao PT e ao governo de Dilma (MARTINS, 2015). Um movimento que era inicialmente

³ Para mais detalhes sobre a disputa no bloco no poder ver LOURENÇO, Beatriz. *Supernova: a crise do Partido dos Trabalhadores, do neoliberalismo e da democracia restrita no Brasil após a década de 2010*. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em 2015.

difuso começa a ser modelado pela ideia anticorrupção e pelo ódio ao PT. O gigante acorda o monstro do fascismo, especialmente quanto ao repúdio aos partidos e outras bandeiras que não a nacional, como observado em muitas manifestações. A esquerda não consegue propor uma alternativa.

Tal cenário significa que esses grupos impuseram sua particularidade na universalidade, articulando um discurso antagônico, anti-PT, capaz de articular e centralizar estas demandas diferenciais, atingindo um status hegemônico, cujos efeitos foram observados já durante as eleições⁴.

Eleições as quais revelaram a perda de votos ao PT das classes que participaram das manifestações, principalmente dos setores da classe baixa, não abarcados pelas políticas assistencialistas. Esses segmentos não correspondem às classes médias, como afirma o próprio governo, na SAE - Secretaria de Assuntos Estratégicos, mas sim são classes trabalhadoras e pouco tem relação com a pequena burguesia, que não seja a de subordinação. O PT saiu vitorioso com os votos de parte da esquerda que repudiava o PSDB como alternativa, mas que tinha sérias críticas à administração do partido, e principalmente com votos dos trabalhadores desorganizados e beneficiados pelas políticas assistencialistas (MARTINS, 2005).

Surge da articulação da direita, um novo tipo de interpelação, direcionada à classe média e à pequena burguesia, que foram vistas nas ruas no dia 15 de março, requerendo a saída do PT do governo e o *impeachment* de Dilma. Mesmo com a convocação do PT para uma marcha com movimentos sociais e sindicatos em defesa da democracia para a mesma semana de março de 2015, o fato do partido estar tão longe dessa base originária, não ter apresentado um discurso articulatório, um horizonte, fez com que o evento não tivesse a mobilização esperada.

A insatisfação vai além do fato do PT ter virado um partido de ordem; tem sua origem em setores da elite insatisfeitos com o governo, que captaram o significativo vazio, propondo um discurso o qual articulou principalmente as classes médias também descontentes por pouco se beneficiarem pelas políticas centristas não dotadas de um caráter popular-democrático presente na ideologia desses grupos. Os desagradados, que antes tinham um cunho pró-democrático, com as solicitações das manifestações de junho de 2013, que

⁴ A disputa eleitoral, que entre 2002 e 2006 se manteve o favorável ao PT com a faixa de 22% de vantagem caiu para 12,1% em 2010 e pra 3,3% nas últimas eleições de 2014. (MARTINS, 2015)

pediam a ampliação dos direitos da CF 1988, ganham um cunho fascista, caracterizado pela crise da esquerda e da ideologia operária, carregada de sua ação prática por meio do Partido dos Trabalhadores, e pela ideologia da pequena burguesia, que amplifica os interesses da classe dominante – a elite que compõe o bloco de poder – e é interpelada pela mesma. Nas manifestações de 15 de março de 2015, 12 de abril de 2015 e de 16 de agosto de 2015, levantaram-se interpelações populares que evidenciam a iminência de um populismo de classe dominante de caráter fascista, que visa a eliminação da esquerda no cenário político e o estabelecimento de medidas que flertam com o neoconservadorismo, girando em torno na flexibilização das leis trabalhistas e do refortalecimento do neoliberalismo e do capital monopolista, que se encontra em crise tanto no Brasil como no mundo.

Nesse sentido, é preparada uma ofensiva por meio desta fração de classe⁵ ao interpelar os movimentos populares de junho de 2013, juntamente com setores da indústria nacional, insatisfeitos com as medidas do governo petista. O cenário se monta a partir de mobilizações extremamente conservadoras e fascistas por todo o Brasil, inflamando ainda mais a situação de crise, e sendo articuladas por uma união das elites, com a liderança do capital financeiro, a fim de desestabilizar e eliminar a ideologia operária, ou seja, a esquerda.

Conclusão

A partir da aplicação da lógica pós-estruturalista no fenômeno das manifestações iniciadas em junho de 2013, é possível retornar ao início deste trabalho, quando foi apontada a crítica de Laclau e Mouffe ao marxismo e à atuação da esquerda no cenário pós Guerra Fria, dominado pela doutrina neoliberal. Com o fim do socialismo real e o descrédito da social-democracia, a esquerda perdeu sua identidade. Os autores apontam para um desaparecimento do antagonismo causado por essa falta de horizonte por parte da esquerda e pela difusão da ideia de que a política se desvincula da ideologia, se tornando apenas uma ação técnica:

No doubt it is a good thing that the Left has finally come to terms with the importance of pluralism and of liberal-democratic institutions, but

⁵ Conceitos de fração de classe e bloco no poder de Nicos Poulantzas: POULANTZAS, Nicos. *Poder político e classes sociais*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1977.

the problem is that this has been accompanied by the mistaken belief that it meant abandoning any attempt at transforming the present hegemonic order. Hence the sacralization of consensus, the blurring of the frontiers between Left and Right, and the move towards the Centre. (LACLAU & MOUFFE, 2001, p. XVI)

O abandono do antagonismo como articulador do discurso e da identidade, do projeto hegemônico antagônico ao neoliberalismo, da apropriação de elementos sociais-democráticos ao projetar sua imagem, permitiu que outros grupos, vinculados à direita, tomassem para si a representação do significante vazio gerado no Brasil em 2013, levando o Partido dos Trabalhadores a um caminho sem volta, a cavar sua própria cova. E, conseqüentemente, impulsionando o avanço do fascismo e do neoconservadorismo que vem sendo capaz de estabelecer sua hegemonia na sociedade brasileira.

Referências:

DOS ANJOS, Elisa Roubert Lage. *Uma nova perspectiva sobre o populismo: Ernesto Laclau e a formação das identidades coletivas*. In: Revista contemporânea – Dossiê Nuestra América, ano 2, n.2, 2012.

LACLAU, Ernesto. *La razón populista*. 1a ed. 6a reimp. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011. Resenha de: MARON, William McCormick. Revista Digital AdVerbum 7 (1): Jan a Jul de 2012: pp. 60-62.

_____ & Mouffe, Chantal, *Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics*. London: Verso, 2001

_____. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires: Ariel, 1996

_____, Butler, Judith & Žižek, Slavoj, *Contingency, hegemony, universality: contemporary dialogues on the left*. London: Verso, 2000

_____. *Política e ideologia na teoria marxista: capitalismo, fascismo e populismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARTINS, Carlos Eduardo. *As esquerdas na encruzilhada: eleições, crise do centrismo e o quadro político brasileiro*. 2015 Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/category/colunas/carlos-eduardo-martins/>>

Acesso em: 16/04/2015

MENDONÇA, Daniel. *Como olhar “o político” a partir da teoria do discurso*. In: Revista Brasileira de Ciência Política, nº 1. Brasília, janeiro-junho de 2009, pp. 153-169

POULANTZAS, Nicos. *Poder político e classes sociais*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1977.

A divisão ideológica dos manifestantes do dia 13 e 15 de março
<<http://oglobo.globo.com/blogs/base-dados/posts/2015/03/18/a-divisao-ideologica-dos-manifestantes-do-dia-13-15-de-marco-563137.asp>> Acesso em: 16/04/2015

Brazil: hundreds of thousands of protesters call for Rousseff impeachment. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/mar/15/brazil-protesters-rousseff-impeachment-petrobras>>. Acesso em: 16/04/2015

BRICS' Brazil President Next Washington Target. Disponível em: <<http://journal-neo.org/2014/11/18/brics-brazil-president-next-washington-target/>> Acesso em: 16/04/2015

Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil / Ermínia Maricato. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013

De campeã de popularidade a 62% de rejeição: Seis momentos-chave no governo Dilma. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/03/150318_dilma_aprovacao_r_eprovacao_cc>. Acesso em: 16/04/2015

Maior doador de Dilma deve para o BNDES. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,maior-doador-de-dilma-deve-para-o-bndes,647650>. Acesso em: 16/04/2015

Manifestações de Junho de 2013 na cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo?page=full>> Acesso em: 16/04/2015

Mas é só a elite branca que odeia o PT e apoia impeachment e ditadura? Disponível em: <<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2015/03/16/mas-e-so-a-elite-branca-que-odeia-o-pt-e-apoia-impeachment-e-ditadura/>> Acesso em: 16/04/2015

Pesquisa da Perseu Abramo traça perfil dos manifestantes. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/mariafro/2015/03/22/pesquisa-da-perseu-abramo-traca-perfil-dos-manifestantes-de-1303-e-1503/>> Acesso em: 16/04/2015

Rentismo, fissuras no bloco de poder e as eleições presidenciais. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Rentismo->

fissuras-no-bloco-no-poder-e-as-eleicoes-presidenciais/4/31749>. Acesso em: 16/04/2015

Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>> Acesso em: 16/04/2015